

FRONTEIRAS ESTILÍSTICAS E CULTURAIS NA ARTE RUPESTRE DA ÁREA ARQUEOLÓGICA DO SERIDÓ (RN, PB).

BIBLIOTECA DE ARQUEOLOGIA
Profª Niède Gullo

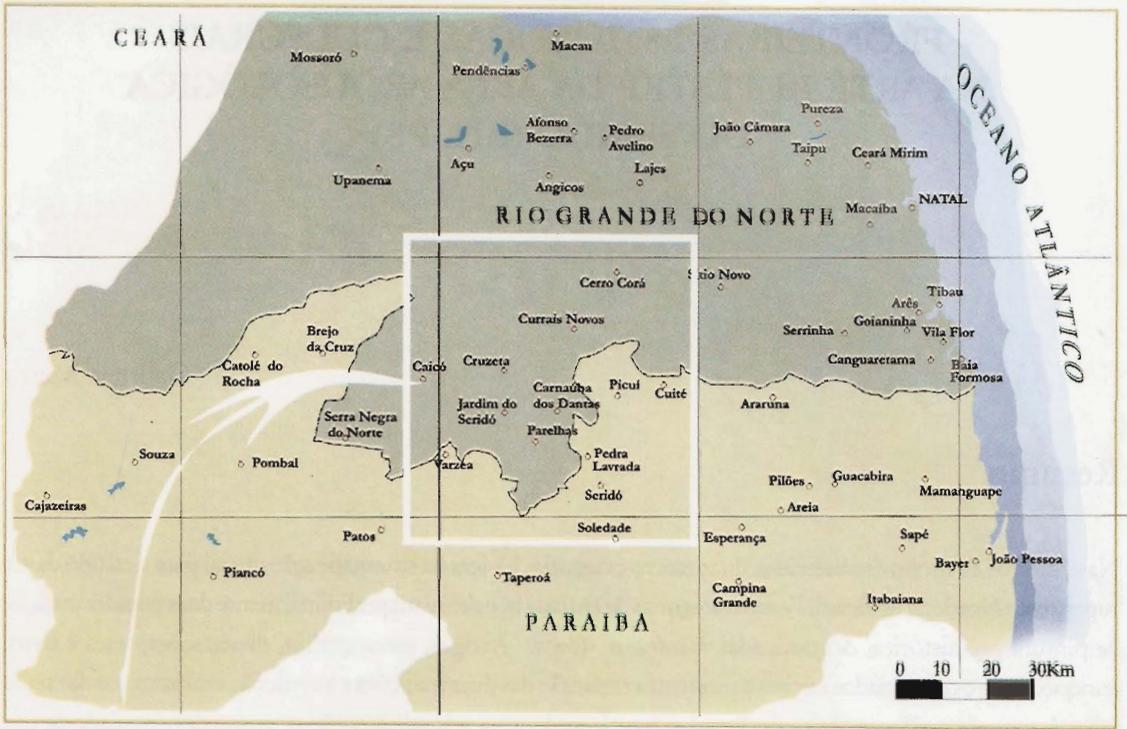
Gabriela Martin

Resumo

Na década de 80 foram estabelecidas duas macro-categorias básicas na sistematização inicial para o estudo da arte rupestre no Nordeste do Brasil. Foram categorias de entrada que definiam preliminarmente duas grandes tradições de pintura pré-histórica, denominadas *Nordeste e Agreste*. Artigos, monografias, dissertações, teses e livros, enriqueceram os enunciados iniciais e mostrou a expansão das duas tradições e a evolução estilística nas diferentes áreas da extensa região nordeste do Brasil. Considerando uma *subtradição* como o grupo desvinculado de uma tradição e estabelecido noutra área geográfica em condições ecológicas diferentes, que implica a presença de elementos gráficos novos, estabelecemos a subtradição Seridó, para todas as manifestações da tradição Nordeste, assinaladas nessa região. Com o avanço das pesquisas e o aumento do número de sítios que podíamos incluir na subtradição Seridó, foi possível começar a separar categorias por estilos que, hipoteticamente, teriam uma sucessão cronológica e que, sem dúvida, indicavam evolução estilística e cronológica.

Abstract

In the 80's two basic macro-categories were established in the initial systematization aiming at the study of rock art in Northeast Brazil. These were entry categories which primarily defined two great traditions of prehistoric painting, namely *Nordeste and Agreste*. Articles, monographs, dissertations, theses and books enhanced the initial statements and indicated the expansion and stylistic evolution of the two traditions in different areas of the extensive Northeastern region in Brazil. Considering subtradition as a group detached from a tradition and established in another geographical area in different ecological conditions, implying in the presence of new graphic elements, the Seridó subtradition has been established for all manifestations of the *Nordeste* tradition in this region. With the progress of research and the increase of the number of sites which could be included in the Seridó subtradition; it became possible to begin separating categories by styles that hypothetically would show a chronological succession which doubtlessly indicated stylistic and chronological evolution.



Área Arqueológica do Seridó



Na década de 80 foram estabelecidas duas macro-categorias básicas na sistematização inicial para o estudo da arte rupestre no Nordeste do Brasil. Foram, na realidade, categorias de entrada que definiam preliminarmente duas grandes tradições de pintura pré-histórica, denominadas *Nordeste* e *Agreste*. As divisões dentro dessas duas tradições nem sempre foram determinadas com a precisão e a clareza necessárias. As imprecisões deveram-se, em parte, ao desconhecimento e falta de pesquisas em grandes áreas, consideradas possíveis “províncias” rupestres da região e em parte, também, porque a tradição *Agreste* se transformou em um recurso ambíguo e excludente, tomando-se muitas vezes como dessa tradição os registros rupestres que claramente não podiam ser considerados dentro da *Nordeste*.

Nos trinta anos a que se remontam as primeiras pesquisas e publicações relativas à arte rupestre no Nordeste, 95% delas foram realizadas por pesquisadores da Fundação do Museu do Homem Americano - FUMDHAM em parceria com o Núcleo de Estudos Arqueológicos e os Programas de Pós-graduação em História e em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. Artigos, monografias, dissertações, teses e livros, enriqueceram os enunciados iniciais e demonstrou a expansão das duas tradições e a evolução estilística nas diferentes áreas da extensa região nordeste do Brasil. Crono-estratigrafias obtidas nas escavações arqueológicas indicam ocupações humanas nas áreas arqueológicas rupestres a partir de 12000 anos e até 2000 BP.

Uma área arqueológica, como categoria de entrada para o início e continuidade sistemática de uma pesquisa, deve ter limites flexíveis dentro de uma unidade ecológica que participe das mesmas características geo-ambientais. Com o andamento das pesquisas e o estudo sistemático dos sítios arqueológicos, podem se obter cron-estratigrafias fáticas de determinarem ocupações humanas espaço-temporais, demonstrativas da permanência humana em toda ou parte dessa área. Podemos também chegar a conhecer os processos de adaptação humana e o aproveitamento dos recursos. Chegados a essa etapa do conhecimento, poderemos fixar a existência de um **enclave** pré-histórico, como categoria de saída. Assim, as áreas arqueológicas teriam limites geográficos, entretanto que, os enclaves pré-históricos têm categoria cultural e cronológica.

Partindo do conceito de arqueologia de área, as pesquisas em torno da arte rupestre no Nordeste não se limitaram à constatação da sua existência, da densidade dos registros e sua possível filiação. Desde uma perspectiva arqueo-histórica, se pretendeu desde o começo das investigações se estabelecer as relações entre as tradições rupestres e o registro arqueológico e se obter cronologias e dados

culturais que nos permitam a fixação de um enclave pré-histórico. Incluir a chamada arte rupestre como uma variável a mais do contexto arqueológico ou, em outras palavras, procurar a relação entre os registros gráficos e os arqueológicos, como forma de indagação de quando por quem e sob que contexto cultural as pinturas foram realizadas. O porque esses registros gráficos foram realizados, tem respostas mais complexas e que implicam numa fase reflexiva do processo. A intencionalidade apriorística não significa que os resultados obtidos sejam sempre satisfatórios. É sabida a dificuldade de se relacionar a arte rupestre com o registro arqueológico mesmo quando ele existe, além do que esse registro inexistente totalmente em grande parte dos sítios, como é o caso da maioria das gravuras do Nordeste situadas junto a cursos d'água. Mesmo em sítios rupestres escavados extensivamente, somente um golpe de sorte nos proporciona evidências arqueológicas do registro pictural, quando restos de pinturas ou gravuras sobre fragmentos desprendidos de rocha depositaram-se no sedimento e foi possível relacioná-lo com o material arqueológico e ser datado por cronologias relativas. Novos métodos de datação de pinturas através de amostras de miligramas do pigmento são ainda proibitivos no Brasil e na maioria dos países, dados os altos custos. A perseverança, porém, na procura desse relacionamento tem levado a resultados satisfatórios mesmo que fragmentários.

Considerando uma *subtradição* como o grupo desvinculado de uma tradição e estabelecido noutra área geográfica em condições ecológicas diferentes, que implica a presença de elementos gráficos novos, estabelecemos a subtradição Seridó, para todas as manifestações da tradição Nordeste, assinaladas nessa região. Com o avanço das pesquisas e o aumento do número de sítios que podíamos incluir na subtradição Seridó, foi possível começar a separar categorias por estilos que, hipoteticamente, teriam uma sucessão cronológica e que, sem dúvida, indicavam evolução estilística e cronológica nos casos confirmados de superposição de imagens. Levantamos, assim a hipóteses de uma primeira leva migratória quando as pinturas apresentam características muito semelhantes ao estilo Serra da Capivara do Parque Nacional, no Piauí, e no qual predomina a presença de animais sobre os antropomorfos, como no Sítio Olho d'água das Gatas e Furna do Messias. Nessa furna, existe uma cena na qual, os antropomorfos com a característica "cabeça de caju", aparecem superpostos á figura de uma onça do estilo Serra da Capivara. Veados e figuras humanas podem também se filiar a uma primeira etapa relacionada com esse estilo.

A dispersão dos grupos da tradição Nordeste pode ter acontecido a partir de movimentos migratórios iniciados há 9000 anos BP em direção à planície da bacia do São Francisco. Em diferentes regiões



Olho d'Água das Gatas - Parelhas - RN,
Subtradição Seridó, estilo Serra da Capivara II



Furna do Messias-
Carnaúba dos Dantas - RN,
Estilo Serra da Capivara II



em torno do Parque Nacional Serra da Capivara, possível berço dessa tradição rupestre, constatara-se a existência de pinturas similares em áreas distantes da região de origem. A escolha da região do Seridó para o assentamento dessas populações pré-históricas, pode ter sido a existência de uma rede hidrográfica perene numa área serrana de brejo, com características climáticas favoráveis e com melhores condições de sobrevivência, dentro de uma região semi-árida. As rotas seguidas pelos grupos que se situaram na bacia do Seridó são por enquanto incertas, embora no vale do alto Acú-Piranhas do qual o Seridó é tributário, foram assinalados grafismos de ação emblemáticos da subtradição Seridó, fato que nos leva a situar uma possível rota nessa região.

Estabelecemos assim um estilo *Serra da Capivara II*, para o momento inicial das pinturas da subtradição Seridó. Uma segunda fase de atividade pictórica muito mais intensa na qual os grafismos emblemáticos estão bem caracterizados, a denominamos estilo *Carnaúba*.

Já assinalamos (G.Martin, 1999, pág.261) uma tendência ao geometrismo nas figuras, maior complexidade nos atributos e na pintura corporal das figuras humanas, que indicariam a fase final da subtradição na área nuclear da pesquisa, situada nos vales do Seridó e seus afluentes. Nessa fase final aumenta a presença de grafismos puros e grafismos intrusivos, com superposições de traços grossos e desenho descuidado indicativo da presença de outra tradição rupestre distinta à Nordeste. Na impossibilidade no momento atual do conhecimento, de definir claramente a fase final do processo gráfico, pela dificuldade de separar o que seria evolução do estilo *Carnaúba* das intrusões posteriores, não estabelecemos um estilo novo e apenas nos referiremos à fase final do mesmo.

A subtradição Seridó define assim toda manifestação da tradição Nordeste assinalada na região arqueológica do Seridó no sentido mais amplo e cujos estilos vamos definindo com o avanço e ampliação da área nuclear das pesquisas. O traço gráfico mais significativo do estilo *Carnaúba*, é a representação da cabeça de perfil num traço simples marcadamente expressionista que lembra a forma da castanha do caju (*Anacardium occidentale*) conhecida como “cabeça de caju”. Essa forma de representar a cabeça não é única da região do Seridó, já foi registrada na África e na Ásia e conhecemos



Xique-xique II
Carnaúba dos Dantas, RN.
Estilo Carnaúba



ao menos um caso na Serra da Capivara, e na Lapa do Ballet, em Matozinho, MG, mas em lugar algum é representada tão repetidamente e com tanta variedade de atributos com nas figuras humanas do estilo *Carnaúba*. Emblemático do estilo são as cenas cerimoniais nas quais duas figuras adultas parecem proteger ou entregar uma criança (G. Martin, 1999, pág.254), cena representada em todos os abrigos desse estilo. O tema não é inédito, aparece também na Serra da Capivara, (PI), na Chapada Diamantina, (BA) e no vale do Peruaçu, MG, descrita como “tríades familiares” (A. Prous; Lopes de Paula,1983, pág.148) mas a forma de representá-la, com maior riqueza de detalhes e atributos, sim que a qualificam como emblemática do estilo *Carnaúba*. A cena de duas figuras humanas “dorso contra dorso”, separadas por um tridígito, emblemática do estilo Serra da Capivara, aparece também no estilo *Carnaúba* com interpretações modificadas e mais complexas. Aliás, como explicação do que seja emblemático numa tradição ou num estilo rupestre, nos reportamos a A-M. Pessis: “ *Quando se observa a reiterada presença de representações de ações realizadas por figuras, humanas ou não humanas, nas quais não é possível identificar a temática e apenas se percebem posturas e gestos, o observador dispõe de um marcador emblemático que pode ser utilizado para reconhecer uma origem cultural. São esses marcadores emblemáticos que se tornam instrumentos da caracterização cultural da narrativa.* (Imagens da Pré-história”, 2003, pág.84).

O hermetismo é uma das características, nas pinturas rupestres, dos grupos de ação que consideramos emblemáticos, nos quais reconhecemos as figuras, mas a mensagem nelas contidas está perdida. Esse hermetismo poderia ser necessário para a manutenção das hierarquias no interior do grupo, das ideologias e da preservação das identidades. “ *São figuras portadoras de múltiplos significados, porque os mesmos desenhos no interior de uma mesma cultura, experimentam variações de significação, segundo a história particular de cada grupo e da maneira como foram resolvidos os problemas que tiveram que encarar para sobreviver.* (Pessis, ob.cit). Por isso as figuras isoladas, humanas ou animais, não podem considerar-se “um emblema” de determinado estilo ou, em todo caso, resultam menos confiáveis que a cena emblemática, na qual a ação se percebe embora não a entendamos.

Discussões aparte merecem os grafismos puros que sob o nome de geométricos, abstratos, sinalações, sinais, etc. são tão citados na literatura arqueológica. Negar-lhes totalmente a categoria de emblemáticos pode ser exagero, mas para que se tornem representativos de uma tradição ou um estilo, devem apresentar complexidade e repetição suficientes, para não deixar dúvidas sobre a intencionalidade da representação. Isso é válido tanto para as pinturas como para as gravuras, onde o percentual de grafismos puros é sempre dominante.

Existe um grafismo na subtradição Seridó que é dominante no estilo *Carnaúba* e está presente em todos os abrigos, às vezes repetidamente, e que fora interpretado como representação de pirogas pela autora destas linhas. (G. Martin, 1999, pág.263). Alguns são tão sugestivos que parecem representar também os remos e as pessoas que as conduzem, até o ponto que um desses desenhos foi escolhido como logotipo da Associação de Arqueologia Subaquática do Brasil. Mesmo que essas representações estejam especialmente presentes na subtradição Seridó não são exclusivas dela, pois a encontramos também em pinturas da tradição Nordeste, na Pedra da Concha (Buíque, PE), no Sítio do Letreiro (Queimadas, PB) e em Minas Gerais, citado por Prous como grafismos de tipo “nordestino”:



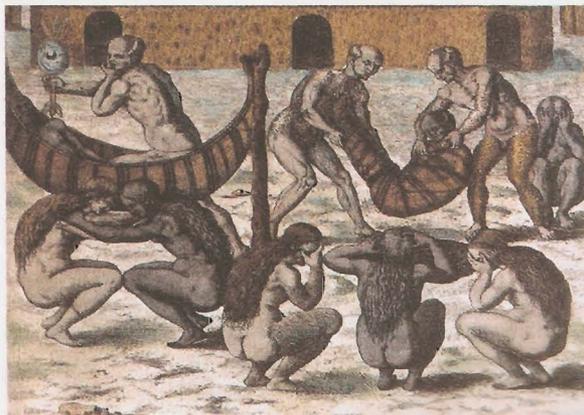
Furna do Messias - Carnaúba dos Dantas - RN
Grafismos emblemáticos da sub-tradição Seridó, estilo Carnaúba

“Alguns sítios de Januária (Malhador) e Montalvânia (Cipó, leste) apresentam um tema que Gabriela Martin considera típico do estilo “Seridó”¹ do Rio Grande do Norte: um barco (o lua) em forma de crescente atravessado por um remo (ou uma lança) e rodeado por pequenos antropomorfos”. “Em Januária, os “barcos” em preto se encontram em painéis marginais juntamente com figuras de difícil interpretação, enquanto em Montalvânia são pinturas em vermelho que não destoam em meio de sinais e ornitomorfos.” (Prous; Lopes de Paula 1983, pág.147).

Nesse trabalho, um desenho chamado “cena do barco atravessado” na Lapa do Malhador, mostra uma figura desses “barcos” com um remo ou lança. Baseada na falta de dados que demonstrem a prática da navegação fluvial indígena na região do Seridó e apoiada em informações etnográficas, Anne-Marie Pessis põe em dúvida que esses grafismos representem pirogas, inclinando-se a identificá-los com redes. A prática funerária de enterrar os mortos em redes depois da cerimônia fúnebre, quando carpideiras choram o defunto, é outro dos seus argumentos. Cerimônias desse tipo foram representadas por Hans Staden quando esteve prisioneiro dos Tupinambá no século XVI, e também por Teodoro de Bry na sua monumental obra “América”, publicada entre 1590 e 1634. As dúvidas de Pessis são pertinentes, embora, também, não posam ser demonstradas, como acontece com a nossa primeira interpretação e da qual hoje temos nossas dúvidas. Tenham um ou outro significado, esses grafismos, associados a figuras humanas ou isolados, são sem dúvida um elemento sempre presente nas pinturas do estilo *Carnaúba* e a conclusão a que podemos chegar é que, em arte rupestre, interpretar é sempre aventurar-se, e na dúvida, deve-se respeitar o hermetismo dos grafismos.



desenho de uma rede - Hans Staden



desenho de Teodoro de Bry

Fonte: livro AMÉRICA DE BRY

Delimitar a área geográfica do estilo *Carnaúba* dentro da subtradição Seridó, será uma forma de delimitar também a área de influência territorial dos grupos portadores desse estilo de pintura rupestre. Estabelecendo as fronteiras gráficas nesse território, poderemos também identificar áreas de ocupação e poder de determinados grupos étnicos que conseguiram dominar a região durante longo período. Na procura para fixar essas possíveis fronteiras estilísticas, ampliamos a área de prospecção a outros municípios do Seridó, no Rio Grande do Norte e na Paraíba. Foi possível determinar-se que o estilo *Carnaúba* está claramente limitado aos vales do Seridó e seus afluentes, especialmente o rio Carnaúba. Pedra Lavrada, na Paraíba, ainda na área de influência do vale do Seridó e das serras que o circundam, apresenta sítios com pinturas do estilo *Carnaúba*, já em Picuí, também no Seridó paraibano, situada mais ao norte da bacia do Seridó, existem sítios com gravuras nas rochas dos córregos e reservatórios naturais d'água, mas estão ausentes as pinturas da subtradição Seridó. Ampliando as prospecções na procura dos limites gráficos previstos, foram incluídos os municípios de Currais Novos e Cerro Corá, dos quais tínhamos informações da presença de pinturas rupestres no seu entorno.

A litologia da área, onde foram encontradas pinturas rupestres nesses dois municípios é distinta da bacia do Seridó-Carnaúba, onde predominam quartzitos, arenitos, siltitos e micaxistos, com alturas que alcançam os 600 metros e que determinam a morfologia dos abrigos pintados. Com elevações menores, nos aproximamos de afloramentos graníticos nos municípios de Currais Novos e Cerro Corá, no Rio Grande do Norte. Nas prospecções realizadas nesta área aparecem sítios arqueológicos com pinturas rupestres com características diferentes às mencionadas anteriormente. Nesta área, as pinturas se localizam sob grandes blocos arredondados, que resultam da erosão do topo da serra formando grandes “bolas” de granito. Estas “bolas” se desprenderam do topo e algumas delas rolaram até o vale. A maioria dos sítios, encontrados no município de Currais Novos, se localizam em matacões deslocados até os cursos d'água, como o rio Totoró onde se encontram cinco sítios com pinturas rupestres. Em outros casos, os matacões arredondados de granito emergem pela erosão natural das rochas mais brandas, destacando-se na paisagem. Não é raro que nesse tipo de relevo se localizem pinturas rupestres pré-históricas a semelhança dos sítios cadastrados no agreste e no sertão de Pernambuco e da Paraíba (G. Martin, 1999, pág.281) No município de Cerro Corá a morfologia dos sítios é a mesma que em Currais Novos, localizados sobre córregos de água como a Pedra da Gameleira ou no topo da Serra como a Toca de Zé Brás ou Pedra do Sino. Na toca de Zé Brás existe um painel rupestre da tradição Nordeste representando uma fileira de quinze antropomorfos iguais com os braços levantados. O tema é muito repetido nas várias subtradições

da tradição Nordeste, onde aparecem essas fileiras quase sempre associadas a uma figura humana principal às vezes de maior tamanho. A cena é a mesma, mas a forma de representá-la é bem diferente, o que a caracterizaria como um estilo distinto que poderemos chamar *estilo Cerro Corá*, caso outras manifestações rupestres possam, no futuro, ser associadas a ele.

Com exceção da toca citada do Zé Brás, os sítios rupestres de Currais Novos e de Cerro Corá apresentam pinturas de tendência “agrestoide” nos que se incluem grafismos puros não reconhecíveis. Utilizamos propositadamente o termo “agrestoide”, para não utilizar o termo *tradição Agreste* com a leviandade que tem aparecido em vários trabalhos. As subtradições “Agreste” estão ainda por definir, assim como seus indicadores seguros e seus grafismos emblemáticos. De qualquer forma, as superposições de grafismos de tipo “Agreste” sobre painéis do estilo *Carnaúba* já nos indicam uma seqüência cronológica segura para seguir afirmando a maior antiguidade da tradição Nordeste sobre outras manifestações rupestres, na área arqueológica do Seridó.

Encontramos assim três horizontes gráficos na área do Seridó que aos poucos vão aparecendo mais nítidos e nos ajudam a determinar áreas étnicas de influência que podem ter sido paralelas ou sucessivas, marcando levas migratórias portadoras de diferentes formas de representar-se e de representar seus mitos. Um horizonte corresponde às pinturas rupestres da subtradição Seridó, dividida nos estilos *Serra da Capivara II*, *Carnaúba* e *Cerro Corá*. Um segundo horizonte atribuído à tradição Agreste, mas que, como repetimos, estaria por definir, aparece esporadicamente e como intrusivo



Sítio Gameleira / Pedra do Brás -
Serro Corá - RN



em alguns dos abrigos pintados da subtradição Seridó e em maiores quantidades nas áreas limítrofes fora da influência territorial da tradição Nordeste. O terceiro horizonte gráfico enquadra as gravuras rupestres do Seridó, que pode ser desmembrado em dois estilos nitidamente distintos, tanto pela técnica empregada na sua elaboração, como pela diferente escolha do suporte e dos sítios. Um deles dentro da subtradição Ingá (G. Martin, 1999, pag. 304) com sítios situados sempre ao longo de cursos d'água, com grafismos de tendência curva e complexa, pontos e pequenas formas circulares gravadas ordenadamente e que dão a impressão de linhas de contagem, denso preenchimento dos painéis com aproveitamento da maior parte do espaço disponível e tendência ao horror vacui. A densidade dos traços é também um caracterizador desses conjuntos gráficos. O outro estilo de gravuras aparece nos abrigos e não nos cursos d'água, e se caracteriza por gravuras realizadas depois da preparação do suporte, por raspado ou alisado, com aplicação de uma camada de tinta vermelha sobre a qual se realizam depois as gravuras, que, em alguns casos, foram também pintadas. Essas gravuras aparecem como intrusivas na forma de um ou dois grafismos isolados, em abrigos do estilo Carnaúba, mas no sítio Casa de Pedra, essa técnica é única e ocupa todo o painel do abrigo. Esse sítio está situado na área de maior incidência de sítios da subtradição Seridó, qualificando-se assim como a intrusão de um grupo distinto nos domínios do estilo Carnaúba, fato que nos levou a iniciar uma escavação arqueológica nele, da que tratamos mais adiante.

O trabalho mais minucioso sobre as gravuras rupestres da área arqueológica do Seridó, deve-se a Raoni Maranhão Valle (2003), na sua Dissertação de Mestrado, na qual constrói um perfil gráfico das gravuras da região, apoiado na observação das técnicas de execução, na morfologia dos sítios, do entorno e na petrografia do suporte rochoso.

Ao igual que acontece com as pinturas, o problema das cronologias das gravuras rupestres apresenta-se árduo, com algumas felizes exceções como é o caso da Toca dos Oitenta, no Parque Nacional Serra da Capivara, onde uma concentração de carvões no sedimento que cobria as pinturas, proporcionou datações entre seis e sete mil anos BP, em números redondos, (Pessis, 2003, pág.42) ou o Letreiro do Sobrado, em Petrolândia, PE, com datações também de seis mil anos BP, a partir de carvões coletados nas camadas onde encontraram-se fragmentos de rocha com gravuras, desprendidos das paredes do abrigo (G. Martin; J. Rocha, 1989), mas na maioria dos casos datar essas manifestações rupestres resulta quase impossível por tratar-se de sítios situados ao longo de cursos d'água. Pessis faz um comentário pertinente ao lembrar que *“Esta tendência aparece dominante não*

apenas com as características hídricas de hoje, mas também se pode observar nos vestígios de antigos cursos d'água do paleoambiente, sugerindo que se trata de uma escolha muito antiga". (ob cit, pág. 34).

Desenvolvemos pesquisas na região do Seridó em duas linhas que se relacionam estreitamente e que compreendem o estudo dos registros gráficos e as escavações arqueológicas nos sítios portadores desses registros, no intuito de poder estabelecer relações entre as ocupações dos sítios, a cultura material e os registros gráficos, como forma de identificar os estágios culturais e a cronologia dos grupos autores das pinturas e gravuras rupestres da região. Com exceção do sítio cemitério Pedra do Alexandre (G. Martin, 1995), que demonstrou ocupações desde 9000 a 2000 anos BP, as escavações em outros sítios da área arqueológica do Seridó, apresenta ocupações curtas temporárias, com fogueiras e algumas estruturas, mas com pouca densidade de material arqueológico. Também com exceção da Pedra do Alexandre, onde se relacionaram pigmentos utilizados nos rituais funerários com as pinturas rupestres (A.C. Torres, 1995), temos até agora poucos dados precisos, obtidos no registro arqueológico, que possam ser relacionados à elaboração das pinturas rupestres da subtradição Seridó.

Dados arqueológicos

Escavações nos sítios Mirador, Vem-Vem, Olho d'água das Gatas e Pedra do Chinelo, no município de Parelhas e Pedra do Alexandre e Serrote das Areias, em Carnaúba dos Dantas, todos eles com pinturas da subtradição Seridó, mostraram ocupações diversas sem nenhuma homogeneidade entre elas o que não ajuda na hora de relacionar as pinturas com o registro arqueológico. Apenas o sítio Casa de Pedra que também escavado, apresenta gravuras e pinturas de outra tradição ainda não determinada.

No sítio **Mirador** realizamos, na década de 80 (G. Martin, 1985, pág. 81), uma escavação na pequena área onde, além de sedimento arqueológico, existia grande acumulação de pinturas com várias superposições. Enterramentos infantis, com enxoval fúnebre de contas de colar de osso e conchas e uma datação de 9400 anos BP, foram os primeiros resultados prometedores desse sítio. A área da escavação foi posteriormente destruída por caçadores de tesouros.

O sítio **Vem-Vem** localizado na Serra das Queimadas, é um abrigo sob-rocha formado por um matacão de gnaiss que se desprendeu do topo da serra e encontrou seu ponto de equilíbrio nas margens de uma ravina e apresenta uma área passível de ser escavada em torno de 9 m². Apresenta também pinturas rupestres da subtradição Seridó, estilo *Carnaúba*. Foram escavadas seis quadrículas de 1m² cada uma até uma profundidade de 40 cm, mas não foi achado nenhum vestígio arqueológico, com exceção de um fragmento cerâmico a 20 cm de profundidade e manchas de combustão espalhadas por todas as quadrículas.

Olho d'Água das Gatas é um abrigo sob-rocha formado por um bloco de gnaiss que se desprendeu do topo de uma elevação e encontrou o ponto de equilíbrio a meia encosta. No abrigo existe um painel com pinturas rupestres da tradição Nordeste, subtradição Seridó. O maior interesse desse abrigo desde o ponto de vista das pinturas, é que as mesmas apresentam características típicas do estilo Serra da Capivara. A área protegida do abrigo tem aproximadamente 24 m². No seu entorno desenvolve-se uma vegetação de caatinga arbórea composta por árvores de médio porte e arbustos espinhosos que protegem o abrigo e as pinturas. Desde a sua formação podemos distinguir dois momentos de caída de blocos: o primeiro ocorrido no momento em que o bloco estacionou na sua posição atual sobre o qual se estabeleceu o nível de ocupação e um segundo que selava este nível na parte leste do abrigo. A causa da primeira caída de blocos está provavelmente ligada às forças decorrentes da rolagem da imensa massa de rocha, sendo estes blocos de dimensões muito maiores que aqueles caídos no segundo momento. A causa da queda está relacionada aos intemperismos de regiões secas, tais como oscilação térmica e regime de chuvas torrenciais.

A estratigrafia no lado oeste do abrigo, na área sob o painel de pinturas, estava fortemente perturbada pela ação dos cupins. No lado leste, foi possível observar-se claramente, um nível de ocupação apoiado sobre os blocos e, nos seus intervalos, sobre um sedimento composto por areia e seixos de 1 a 3 cm de diâmetro. Sobre este nível de ocupação, caíram os blocos procedentes da segunda queda e que ficaram depositados na superfície.

Foram recolhidos 75 artefatos líticos cuja análise demonstra que na sua grande maioria, trata-se de lascas e fragmentos de débitagem. A matéria-prima está composta de silixitos e cristal de quartzo de origem exógena. Os fragmentos e lascas, pela sua irregularidade malgrado a excelência da matéria-prima, demonstram a falta de controle das técnicas de lascamento condizente com o período final

(Fase Agreste) da classificação das indústrias líticas holocênicas do Nordeste proposta por Fabio Parenti (1993).

Na parte leste do abrigo, no nível de ocupação, encontrava-se uma fogueira bem delimitada cujas cinzas atingiam as proximidades da parede do abrigo. Junto com as cinzas havia ossos de pequenos mamíferos assim como conchas de gastrópodes calcinados. Rente aos blocos que delimitavam a dita fogueira, foram coletados três fragmentos de cerâmica. Um fragmento de gnaiss com pigmento vermelho foi coletado no nível de ocupação.

A distribuição dos vestígios permite compreender a utilização do espaço do abrigo. Os artefatos líticos encontram-se somente na parte oeste, sob as pinturas, enquanto que na leste, situa-se a fogueira. Um grande bloco caído nesta área e que serviu de anteparo para o vento, pode explicar a escolha para a implantação da fogueira. O fragmento de gnaiss com pigmento, encontrado na parte oeste, nos fornece a interligação das pinturas com o nível de ocupação. Vemos assim que um lado do abrigo foi utilizado para a confecção de artefatos líticos e para a realização das pinturas, enquanto que outro serviu como lugar de preparo de alimentos. O abrigo Olho d'água das Gatas é um dos sítios da região do Seridó onde foi possível estabelecer-se alguma relação entre a ocupação humana e as pinturas rupestres, mesmo que hipoteticamente.

O sítio **Pedra do Chinelo**, também situado na Serra das Queimadas, em Parelhas, com pinturas rupestres da subtradição Seridó, estilo *Carnaúba*, formou-se a partir do desprendimento de um grande bloco de *gnais*s de aproximadamente 12 por 15 m. Esse bloco deslocou-se da serra, que se situa a 500 m. do local do abrigo, fraturando-se ao longo do deslocamento desde a serra até meia encosta. Na queda, a parte superior do bloco acomodou-se sobre a outra parte formando um abrigo com um ângulo de 45 graus. (Asón Vidal, 2002, pág 157).

As pinturas rupestres no sítio Pedra do Chinelo encontram-se a menos de 50 cm do solo do abrigo, indicando que o sedimento se depositou depois que foram realizadas. Também nesse abrigo aparece uma cena emblemática da subtradição Seridó, formada por dois antropomorfos que parecem proteger uma terceira figura humana de menor tamanho.

Durante a escavação do abrigo apareceram ossos humanos a partir de 70 cm.de profundidade e já a partir de 20 cm apareceram restos de uma fogueira e ossos de porco selvagem que analisados no binocular mostraram marcas antrópicas de descarnado. Sobre um grande bloco de gnaissse apareceram várias fogueiras. Uma forte enxurrada atravessou o abrigo, misturou carvões, cinzas, material lítico, cerâmica e restos humanos. (Ason Vidal, 2002, pág. 170)

O material lítico é composto de pequenas lascas de sílex e quartzo ialino e um fragmento de amazonita. Foram achadas duas únicas peças de pedra polida que podem ser consideradas como úteis. Trata-se de um polidor confeccionado a partir de um seixo rolado e um tipo de alisador realizado em diabásio, encontrado na mesma cota que os restos humanos, e que apresenta marcas de uso. Pelo seu formato retangular e suas dimensões, deve tratar-se de um instrumento utilizado para trabalhar grandes superfícies (tal vez couro ou fibras vegetais). A mesma matéria prima com a qual foi confeccionado esse implemento foi encontrada no topo da serra perto de um antigo olho d'água.

A cerâmica coletada, num total de 566 fragmentos apresenta tratamento externo alisado, escovado, polido e inciso (Mauro Fontes, 2003, pág.59). Entre os restos de fauna aparecem ossos de pequenos roedores e também ossos de caititu (*Tayassu taiacu*) com marcas de descarnado e restos de malacofauna,



Material lítico, diabásio
Sítio **Pedra do Chinelo** - Parelhas, RN

associados à concentração de cinzas sobre um grande bloco. Os ossos humanos apresentam-se muito fraturados. Foi identificada parte de uma mandíbula e partes de ossos longos. Os ossos foram datados por carbono 14 e forneceram uma data de 1991 +/- 28 BP (CSIC-1802).

Foi também evidenciada uma estrutura formada por várias fileiras de pedras de tamanho semelhante posicionadas de forma ordenada aparentemente lenticular. Existe uma grande quantidade de carvão e cinzas entre os blocos e seixos rolados de quartzo, distribuídos por todo o abrigo e que apresentam marcas de queima.

Os vestígios arqueológicos encontrados no abrigo Pedra do Chinelo: cerâmica, carvão, fogueiras, material lítico lascado e polido, ossos e dentes humanos, ossos de animais e restos malacológicos, indicam ao menos duas ocupações, sendo possível determinar-se os dois momentos de ocupação do abrigo. No primeiro nível, teve lugar a ocupação de um grupo ceramista, pois os fragmentos cerâmicos estavam presentes desde a superfície até um metro de profundidade. Dois grandes blocos localizados no centro do mesmo separam sem dúvida as duas ocupações, a primeira é a mais antiga, anterior à queda dos blocos, quando foi utilizado como cemitério. Essa ocupação foi datada de 1991 +/- 28 anos BP (CSIC 1802). Posteriormente houve queda dos blocos que ao afundarem devem ter tumultuado as estruturas funerárias. Os fragmentos cerâmicos coletados indicam tratar-se de urnas que poderiam ter contido os ossos humanos, embora a enxurrada e a queda dos blocos danificaram as estruturas. A segunda ocupação aconteceu após a queda dos blocos, durante a qual foram acessas sucessivas fogueiras na superfície plana de um deles.

O sítio foi usado como lugar de enterramento. Os ossos humanos estavam muito tumultuados mas ainda conservam restos de pigmento o que indica prática de ritual funerário. Foram achados restos de pelo menos dois indivíduos, uma criança e um adulto a julgar pelos 13 dentes coletados. Os ossos da criança apresentam restos de pigmento vermelho, os ossos do adulto encontram-se muito deteriorados e é difícil determinar se foram pintados ou não. Micro-análises deverão ser feitas para determinar a existência de pigmento nestes ossos. A escavação do Sítio do Chinelo demonstrou a existência de um grupo pré-histórico ceramista que ocupou o abrigo em torno de 2000 anos antes do presente. Como ainda resta por escavar grande parte do abrigo, tanto em extensão como em profundidade, será possível uma melhor interpretação do sítio especialmente em relação às pinturas rupestres. Como já indicamos, as mesmas se encontram situadas a menos de 50 cm do solo atual.

Nenhum outro painel da subtradução Seridó, dos já cadastrados na região, apresentam as pinturas em nível tão baixo, estando comumente situadas a um metro e meio do solo rochoso. É de se supor que o nível alcançado na primeira fase da escavação do sítio do Chinelo, não atingiu ainda o nível do grupo que realizou as pinturas.

O sítio **Casa de Pedra** está situado num abrigo sob rocha do chamado “micaxisto Seridó”. Encontra-se a 16 km da cidade de Carnaúba dos Dantas (RN) e a 2 km da divisa com o estado da Paraíba. Está inserido na Serra dos Garrotes em frente da Serra do Gavião, na localidade de Boa Vista. A um quilômetro do abrigo corre o riacho da Pedra Branca no qual existe, na atualidade, um açude artificial que permite aos moradores da localidade ter cultivos de irrigação. O abrigo está situado a 400 m. de altitude sobre o nível do mar, o teto do mesmo está a 6 m de altura do solo e apresenta um painel de gravuras e pinturas rupestres com aproximadamente 9 m de comprimento.

O sítio foi escolhido para ser escavado porque, além do material de superfície indicativo de ocupação, apresentava gravuras com pinturas de características diferentes às pinturas da sub-tradição Seridó predominantes na área. Nelas o mais significativo é a aparente preparação da rocha-suporte com alisado ou raspado sobre a qual se colocou uma camada de tinta vermelha, para depois realizar gravuras sobre essa superfície. O interesse desse sítio, do ponto de vista da pintura rupestre da região, é que se configura como um padrão diferente no universo da arte rupestre do Seridó.

A superfície do sítio Casa de Pedra apresentava numeroso material arqueológico, na forma de fragmentos de cerâmica, lascas de sílex, seixos rolados com marcas de uso e um fragmento de óxido de ferro também com marcas de uso semelhante a um lápis.

A escavação do sítio Casa de Pedra foi iniciada abrindo-se duas trincheiras, uma em direção norte-sul e outra leste-oeste formando uma cruz. Este método permitiu numa primeira fase da escavação ter uma visão geral da topografia original do abrigo e da sedimentação do mesmo.

A escavação se realizou por decapagens artificiais de 10 cm exceto a primeira decapagem que foi de 20 cm, evidenciando-se a 5 cm da superfície uma fogueira estruturada sobre blocos de micaxisto e que estava apoiada sobre a rocha base do abrigo, que apareceu a 50 cm da superfície. Dentro da fogueira apareceu um fragmento de lesma de sílex e um fragmento de cerâmica. Foram coletados

carvões nessa fogueira assim como sedimento do interior misturado com cinzas. Observaram-se numerosas intrusões de raízes na estratigrafia, pois há um grande umbuzeiro na frente do abrigo, que dificulta a escavação e facilita a percolação de materiais arqueológicos. Evidenciaram-se abundantes restos de ossos de fauna, alguns deles queimados, e lascas e microlascas de sílex, além de um raspador de quartzo hialino e um percutor de quartzo.

No total foram coletados 74 fragmentos de cerâmica pertencentes a vasilhames confeccionados com técnica de acordelado e com tratamento de superfície alisado principalmente. Apareceu também um fragmento de núcleo de óxido de ferro com lados muito polidos evidenciando seu uso, possivelmente como pigmento, e um fragmento de ocre com marcas de uso. Alguns dos fragmentos ósseos, encontrados na escavação, poderiam ser humanos, assim como um fragmento de mandíbula de criança e um fragmento de crânio humano.

A escavação do sítio Casa de Pedra apresentou um único nível de ocupação humana. Na estratigrafia observamos um primeiro nível superficial com matéria orgânica, folhas e galhos e, depois, um único nível de cor cinzenta com presença de blocos de xisto, tanto caídos do teto como arrastados pela água, que descansa sobre uma base rochosa de xisto. A ocupação antrópica teve lugar sobre essa base rochosa. A base do sítio apresenta declive acentuado, mas a queda de três blocos de xisto permitiu que o sedimento arqueológico ficara retido, assim mesmo, enxurradas arrastaram materiais arqueológicos para fora do abrigo, que se encontravam na subida ao sítio. Pelos materiais arqueológicos encontrados deduzimos que se trata de uma ocupação não muita longa ou de sucessivas ocupações temporárias de um mesmo grupo.



Realizaram-se também sondagens prévias no Serrote das Areias e na Furna dos Caboclos, sítios do município de Carnaúba dos Dantas que apresentam pinturas da subtradição Seridó, estilo *Carnaúba*. No primeiro foram achadas lascas de sílex e restos de lascamento em pequenas quantidades. Já na Furna dos Caboclos, abrigo situado sobre o riacho dos Balanços, afluente do Seridó, as duas sondagens realizadas resultaram completamente estéreis. O maior interesse deste abrigo reside no magnífico painel com pinturas da subtradição Seridó, no qual se observam superposições da mesma tradição, além de grafismos intrusivos de tipo Agreste.

As cerâmicas arqueológicas coletadas nos sítios Pedra do Alexandre, Pedra do Chinelo e Casa de Pedra, estudadas por Mauro Fontes (2003), apresentam um mesmo perfil técnico o que poderia indicar que um mesmo grupo étnico ocupou esses abrigos numa fase cultural ceramista da região, mas não temos dados consistentes que nos indiquem relações entre esse grupo ceramista e os autores das pinturas da subtradição Seridó, pelo contrário, essas ocupações nos abrigos parecem posteriores ao período de atividade pictural. Deduzimos que os sítios pintados da subtradição Seridó foram lugares rituais e que seus autores moravam em aldeias fora dos abrigos. A variedade dos temas representados, a riqueza de atributos e adornos que acompanham as figuras humanas, indicadora de hierarquias e até de etnias diversas, não faz jus à pobreza e limitação da cultura material evidenciada nos poucos abrigos pintados que apresentam registro arqueológico na região do Seridó.



Sítio Totoró - Currais Novos, RN



Nota

¹Estilo “Seridó” foi a primeira definição dada às pinturas da tradição Nordeste, subtradição Seridó no início das pesquisas nessa região.

Bibliografia

- DE BRY, Teodoro. **América de Bry**. Edições Siruela, Comemorativo do 5º Centenário, Madrid, 1992, pág. 132.
- FONTES, Mauro Alexandre Farias. **A cerâmica pré-histórica da área arqueológica do Seridó (RN)**. Dissertação de Mestrado em História, UFPE, Recife, 2003, 135 pag.
- VIDAL, Irma Asón, Projeto Arqueológico do Seridó - Escavação no sítio Pedra do Chinelo, Parelhas, RN, Primeiros Resultados. **Clio-Arqueológica**, v. 1, n.15, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002, pág. 157 - 169.
- MARTIN, Gabriela; Rocha, Jacionira. O sítio arqueológico Letreiro do Sobrado em Itaparica, Petrolândia, Pernambuco. IV Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira-SAB. Santos. **Dédalo**, USP, São Paulo, (Publicações Avulsas).
- MARTIN, Gabriela. Arte rupestre no Seridó (RN): o sítio Mirador do Boqueirão de Parelhas. **Clio-Arqueológica** n.2, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985, pág 81-95.
- MARTIN, Gabriela. O cemitério pré-histórico “Pedra do Alexandre”, Carnaúba dos Dantas, RN. . **Clio-Arqueológica**, v. 1, n.11, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995-96, pág. 43-57.,
- MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. (3ª edição) Editora da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999, 440 pag. Il.
- MARANHÃO Valle. Raoni. **Gravuras pré-históricas da área arqueológica do Seridó potiguar/paraibano: um estudo técnico e cenográfico**. Dissertação de Mestrado em História, área de concentração em Pré-história do Brasil, UFPE, Recife, 2003.
- PARENTI, Fabio. Le gisement quaternaire de Pedra Furada (Piauí, Brésil). Stratigraphie, chronologie, evolution culturelle. Paris, Editions Recherche sur les Civilisations, 2001 2 volumes. Ilus.
- PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da Pré-história. Parque Nacional Serra da Capivara. ; Images de la Préhistoire. Images from Prehistory**. Fumdam-Petrobrás, 2003, São Paulo, 307 pag, il.
- PESSIS, Anne-Marie. Do estudo das gravuras rupestres no Nordeste do Brasil. **Clio-Arqueológica**, nº 15, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002, pág.29-45.

PROUS, André; Lopes de Paula, Fabiano. Informações preliminares sobre grafismos de tipo “nordestino” no estado de Minas Gerais. **Revista de Pré-história**, Vol.1, nº5, Instituto de Pré-história, Universidade de São Paulo, 1983, pág.145.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1974. O relato do marinheiro alemão sobre seu cativeiro entre os tupinamba, teve sua primeira edição em alemão publicada em Marburgo em 1557 sob o título *“História verídica de uma terra de selvagens, nus e cruéis, comedores de seres humanos, situada no Novo Mundo de América, desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas terras de Hessen, ate os dois últimos anos, visto que Hans Staden de Homberg, em Hessen, a conheceu por experiência própria, e que agora traz ao público com essa impressão.”*

TORRES, Ana Catarina. Estudo dos pigmentos do sítio Pré-histórico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN. **Clio-Arqueológica**, v. 1 nº 11, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995, pág. 59-70.